



15-8-959

119

Textos

Maria Helena da Costa Dias e Augusto da Costa Dias

Ilustrações

Tóssan e Figueiredo Sobral

Toda a correspondência deve ser dirigida para a Rua Luz Soriano, 44 a 48 - LISBOA

FECHA A JANELA

por Alice Vassalo Pereira

Ela estava sentada á beira da cama. A cabeça entre as mãos. Lágrimas nos olhos tristes, ela prolongava o olhar para muito longe, para além da sua janela fechada. Doía-lhe a cabeça. Devia ter febre. Soltou um suspiro vago. E foi então que a outra apareceu.

— O que tu tens é calor!
E chegando-se junto da janela abriu-a de par em par. O luar envolveu aquele quarto escuro. Ela continuava triste. Mas naquela altura levantou a cabeça e olhou para o céu. Estava uma noite linda. As estrelas brilhavam, brilhavam muito e pareciam rir desdenhosas, coisas do seu esplendor. Lá muito em cima a Lua sorria. Muito redonda, mais parecia uma bola de prata passeando pela imensidão.

A Lua brilhava... As estrelas brilhavam... E ela estava triste! Só ela não sorria, só ela não brilhava!

Tudo parecia fazer troça dela: a Terra, as pessoas, a Lua, as estrelas...
A cabeça continuava a doer-lhe...

Tornou a segurar a cabeça com as mãos e num soluço gritou para a outra:
— Fecha a janela!



O QUE PENSAM OS JOVENS DO NOSSO PAIS

Depois de uma série de depoimentos de jovens franceses, vamos hoje, como prometemos, iniciar uma nova fase desta nova e muito apreciada secção do «Juvenil»; vamos recolher opiniões de jovens portugueses, publicamo-las com o comentário de um dos directores do nosso suplemento e continuaremos a atribuir o prémio de dois bons livros á melhor critica conjunta ao depoimento e ao citado comentário.

Começamos com a publicação de um trabalho do Amigo n.º 367 (velho amigo, portanto), Armando Delfim Hasse Ferreira.

É um jovem com 16 anos, que acaba de concluir o 7.º ano com 16 valores e frequentará no próximo ano a Faculdade de Medicina.

Fora das horas de estudo, os assuntos que mais lhe interessam são a literatura, a arte, o cinema e a filatelia (espécie de férias no intervalo de ocupações mais absorventes). Os seus autores preferidos são Mauriac, Steinbeck, Huxley e Erico Veríssimo. Lê muito pouco autores portugueses.

(Continua na ultima página)

RESULTADOS DO CONCURSO PORTUGAL E A JUVENTUDE

1.ª SÉRIE — dos 16 anos em diante.

1.º PRÉMIO — João Jorge Antunes de Matos (Moimenta da Beira): «Os muros do desespero», por Hervé Bazin, da Editora Arcádia, «A verdade em primeira mão», por Joyce Cury, da Ed. Arcádia, «O que é a Física», por Rómulo de Carvalho, da Editora Arcádia, «O homem nu», por Francesco di Franco, da Editora Arcádia, e «A vida nos outros mundos», por Herbert Spencer Jones, da Editora Arcádia.

2.º PRÉMIO — Marília Mendes Soares (Lisboa): «Os muros do desespero», por Hervé Bazin, «A vida nos outros mundos», por Herbert Spencer Jones, «O segredo de Luca», por Ignazio Silone, «O homem nu», por Francesco di Franco, e «Que é a Física», por Rómulo de Carvalho.

São todos volumes da Editora Arcádia.

3.º PRÉMIO — Maria Helena e Maria da Graça Duarte Tavares (trabalho de equipa) (Lisboa): «Os muros do desespero», por Hervé Bazin, «Antologia do conto moderno», por João Gaspar Simões, «O segredo de Luca», por Ignazio Silone, «O homem nu», por Francesco di Franco.

São todos volumes da Editora Arcádia.

4.º PRÉMIO — José Moura Pimenta (Queluz): «Fonte Amara», por Ignazio Silone, de Publicações Europa-América, «A vida nos outros mundos», por Herbert Spencer Jones, da Editora Arcádia, «O homem nu», por Fran-

(Continua na página central)

INFELIZ DO CONDENADO

Conto por FRANCISCO MONTEIRO NABO

A sóbria e triste luz da Lua raiava melancolicamente entre as trevas. O silêncio daquela noite parecia-me mais pesado e infeliz do que nunca. A doca, envolvida na escuridão, estava deserta e desamparada. Um pouco além, o mar agitava-se feroz e cruel, esperando a todo o momento um corpo, uma alma, para vitimar e demolir nas suas severas garras. Mais ao longe, cortando o nevoeiro, um farol cumpria a sua labuta. Os seus raios de luz incidiam rápida e inconstantemente, fiéis ao seu rotativo movimento.

A noite, lentamente, abria as suas portas. A monotonia pairava sobre a natureza.

Lenta e nervosamente, eu ia avançando ao longo do cais. O ruído dos meus passos quebrando as trevas, vincavam a

fujebre aparência daquela noite. Continuava avançando, melancólica e pesadamente...

...O meu corpo, indiferente a tudo, era um paradigma com o meu pensamento. O meu cérebro trabalhava... tentava repescar algo invisível e misterioso no meu pensamento que pudesse concretizar. Nada porém me surgia. Nada... O meu futuro era negro como a noite...

No dia anterior, ao sair do exílio, onde cumprira penosa mas lealmente a minha pena, não me haviam surgido quaisquer obstáculos. Ao transpor as pesadas portas da penitenciária, sentia-me feliz, confiante, tudo me parecia claridade... Sentia-me orgulhoso de mim próprio. Havia-me regenerado, acreditava em mim, acreditava na con-

cretização dos meus novos projectos para a vida. Tolo! Como me enganava... Como me enganava ao pensar que liberdade sintoniza alegria e felicidade... Como me enganava ao pensar que não havia maldade entre os homens libertos e bons... Das inumeras casas onde tinha pedido trabalho, a resposta tinha sido negativa. Desde escriturário a estivador, procurei tudo e... tudo me foi adverso.

Recordava naquele momento de agonia os maravilhosos dias da minha infancia. Recordava os anos que passei pelos bancos do liceu, em que o futuro me sorria, em que todos me adivinhavam o futuro, um caminho sem espinhos, coberto de rosas. Eu acreditava e, afinal... eram tudo esperanças! E um dia Deus quis que eu pecasse... Morreram as esperanças, queimaram-se as ilusões, surgia finalmente a verdade a descoberto na Natureza!

Caminhava agora, pensosamente, cortando a noite, com destino desconhecido, pisando eu próprio as alegrias e os sonhos que me haviam florescido. Um gota de água rolaram-me pelas faces, causando-me vivos arrepios de medo e de vergonha. Chorava... Com os olhos nublados de lágrimas, olhava através do infinito, do acaso, como que suplicando perdão, tentando descobrir no vácuo uma luz, uma estrela, que me guiasse, que me indicasse o caminho da verdade e da honra.

— Era incrível — meditei. — Eu que nos meus tempos de garoto cobria aquelas velhas e agrestes pedras do cais, brincando, dando-lhe alegria, a alegria da minha juventude, fazendo dele o meu lar, arranjando nele carinho e conforto, chorava agora sobre ele, buscando o mesmo conforto, carinho e pão.

Nervosamente, corri enlouquecido, gritando por alguém que me ajudasse, que me desse o perdão dos arrependidos. Ninguém porém surgiu. Corria invariavelmente, acobardado pelo pavor

(Continua na ultima página)

